Quixo Acadêmica

Número 1, 2023
10 anos do curso de Letras Espanhol no IFB

A NARRATIVA DO ESGOTAMENTO EM *SOB A ÁGUA NEGRA*

LA NARRATIVA DEL AGOTAMIENTO EN *BAJO EL AGUA NEGRA*

Resumo: Este trabalho visa analisar o conto *Sob a água negra*, de modo a evidenciar as questões ambientais retratadas na narrativa, e como esses problemas repercutem no ser humano, bem como discutir a respeito das questões sociais, as quais foram abordadas no conto como: abuso de autoridades, criminalidade, uso de drogas e corrupção. Como aporte teórico utilizou-se os estudos a respeito da Narrativa do Esgotamento, de Mariana Simoni (2021). A partir disso, percebe-se que o conto retrata como as ações humanas influenciam o meio ambiente, pois é notório que à medida que o espaço modifica-se, as pessoas também sofrem transformações.

Palavras-chave: Narrativas do esgotamento; Antropoceno; Desastres ambientais; Comunidades marginalizadas.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo analizar el cuento *Bajo el Agua Negra*, con el fin de resaltar las problemáticas ambientales retratadas en la narrativa, y como estas problemáticas afectan a los seres humanos, así como discutir las problemáticas sociales, que fueron abordadas en el cuento tales como: abuso de autoridad, delincuencia, consumo de drogas y corrupción. Como aporte teórico se utilizaron estudios sobre la Narrativa del Agotamiento, de Mariana Simoni (2021). De esto se desprende que la historia retrata cómo las acciones humanas influyen en el medio ambiente, ya que es evidente que a medida que el espacio cambia, las personas también sufren transformaciones.

Palabras clave: Narrativas del agotamiento; Antropoceno; Desastres ambientales; Comunidades marginadas.

Introdução

Mariana Enriquez, jornalista e escritora, publicou em 2016 um conjunto de contos sob o título *As coisas que perdemos no fogo*, dentre eles está o conto *Sob a água negra*, cuja narrativa, em terceira pessoa, desenvolve-se em torno da investigação do assassinato de dois jovens, Emanuel López e Yamil Corvalan, ambos com 15 anos de idade. Sendo, Marina Pinat protagonista do conto e promotora responsável pela investigação do caso. O desenrolar da história ocorre a partir das ações dela em busca da solução para o crime, durante esse percurso ela descobre que há mais mistérios envolvidos, principalmente a respeito do que está *sob a água negra*.

A água negra mencionada no título refere-se às águas do rio Riachuelo, "o rio negro que bordejava a cidade estava basicamente morto, em decomposição: não conseguia respirar. Era o rio mais poluído do mundo, garantiam os especialistas" (Enriquez, 2017, p. 161). Às margens desse rio, casas começaram a ser construídas, os imóveis eram precários porque trata-se da região onde os mais pobres residiam e, consequentemente, as pessoas evitavam ir nesse lugar, "ninguém se aproximava da favela da ponte Moreno a menos que fosse necessário. Era um lugar perigoso" (Enriquez, 2017, p. 162). Nota-se o descaso tanto das autoridades governamentais quanto dos indivíduos que possuem empresas próximas ao rio, e os cidadãos que residiam na área sul da cidade de Buenos Aires, pois o Riachuelo encontrava-se nesta situação há muitos anos, com promessas de limpeza, as quais nunca foram realizadas, e dia após dia mais corpos, dejetos e vários objetos eram jogados naquelas águas.

As consequências desse ambiente hostil não tardaram, a poluição do rio que durante anos foi mantida acarretou em problemas para a saúde das famílias, as quais residiam naquele lugar. Inicialmente o contato com a água ocasionava doenças nas pessoas, e com o passar dos anos as crianças começavam a nascer com "mutações", isso é notável no trecho a seguir:

> os filhos das famílias que viviam perto daquela água, que a bebiam, embora suas mães tentassem tirar o veneno dela fervendo-a, ficavam doentes, morriam de câncer em três meses, horríveis erupções na pele destroçavam seus braços e suas pernas. E alguns, os menores, tinham começado a nascer com malformações. Braços a mais (às vezes quatro), os narizes largos como

> os de felinos, os olhos cegos e próximos às têmporas (Enriquez, 2017, p. 156).

Nota-se que o problema é de ordem social, as famílias utilizavam as águas do rio devido a falta de assistência básica para com a comunidade. As mães faziam o que estava ao seu alcance para minimizar os problemas ocasionados pela sujeira presente na água. Apesar disso, com o passar do tempo as mutações que surgiam eram cada vez piores, após o nascimento dos bebês as mutações continuavam, de modo a tornar os indivíduos gradualmente menos humanos e cada vez mais mutantes, isso é notável quando o narrador afirma:

> Com o tempo, aquela cara que, quando bebê, tinha sido feia, tornara-se ainda mais horrível: o nariz muito largo, como o de um felino, e os olhos muito separados, perto das têmporas. O menino abriu a boca, para chamá-la talvez: não tinha dentes.
> [...] O garoto se aproximou e, quando estava a seu lado, ela pôde ver como haviam se desenvolvido os demais defeitos: os dedos tinham ventosas e eram finos como rabos de lula (ou seriam patas? Sempre tinha dúvidas sobre como chamá-los) (Enriquez, 2017, p. 164).

A partir do descrito acima é perceptível que as mudanças genéticas que influenciam nas características físicas dos indivíduos estavam tornando-os semelhantes a alguns animais, como o formato do nariz que é comparado ao de um felino. Essa é uma das questões que tornavam a região cada vez mais isolada das outras áreas da cidade e das pessoas, pois as que moravam em outros lugares não passavam pela Vila Moreno.

Outra situação que provocava o distanciamento das pessoas com a comunidade, além da nova aparência dos moradores, era o estado que se encontrava o rio. Ademais, a violência crescia continuamente, os jovens envolviam-se com crimes e drogas, este era o caso de um dos rapazes assassinados. Sobre o Emanuel sua mãe o descreveu em depoimento que "era um bom menino, ainda que às vezes roubasse e de vez em quando se drogasse, mas era porque o pai tinha ido embora e eles eram muito pobres e o filho queria coisas, tênis e um iPhone e tudo o que via na televisão" (Enriquez, 2017, p. 154). A história de Emanuel é a realidade de muitos outros jovens, não apenas na ficção, que moram em periferias, muitas vezes marginalizadas e abandonadas pelas autoridades responsáveis pela segurança e pelo essencial para a sobrevivência dos moradores.

Diante dos fatos narrados no conto de Mariana, nota-se que a autora aborda questões a respeito das desigualdades sociais e raciais, dos abusos policiais, dos empregos precários, das condições hostis de sobrevivência, e das consequências causadas pelas ações dos seres humanos ao meio ambiente e ao próprio ser humano. A obra torna-se ainda mais verossímil

com a realidade ao chegar às últimas páginas, e o caso dos jovens não ser solucionado, o que é comum com crimes cometidos contra jovens que vivem em ambientes subalternos. Posto isso, analisar-se-á o conto à luz das ideias de Simoni (2021) sobre as narrativas do esgotamento, concomitantemente às questões a respeito do Antropoceno, segundo Déborah Danowski (2017).

O esgotamento em *sob a água negra*

O termo Antropoceno designa a época geológica atual, nessa perspectiva entende-se que as ações humanas são as responsáveis pelas transformações que vêm ocorrendo no planeta Terra. Compreende-se que as mudanças que ocorrem no planeta Terra há algumas décadas são impactadas pelos atos dos seres humanos em níveis tão elevados que não se compara com o que todas as forças naturais juntas seriam capazes de provocar. Os impactos provocados são irreversíveis, visto isso, alguns grupos, como cientistas, buscam maneiras de reduzir os danos causados ao planeta e, consequentemente, às pessoas. Danowski e Viveiros de Castro (2017) apresentam a seguinte definição:

> o Antropoceno (ou que outro nome se lhe queira dar) é uma época, no sentido geológico do termo, mas ele aponta para o fim da "epocalidade" enquanto tal, no que concerne a espécie. Embora tenha começado conosco, muito provavelmente terminará sem nós: o Antropoceno só deverá dar lugar a uma outra época, geológica muito depois de termos desaparecido da face da Terra. Nosso presente é o Antropoceno; este é o nosso tempo (Danowski; Viveiros de Castro, 2017, p. 16).

Segundo Danowski e Viveiros de Castro (2017), após a era geológica presente virá uma nova era da qual o ser humano não fará parte, isso será resultado das suas ações hodiernas. A exemplo, é perceptível no conto *Sob a água negra* que a degradação do meio ambiente afetava com o passar do tempo os indivíduos que moravam próximo ao rio Riachuelo. Tanto as grandes indústrias quanto os moradores jogavam detritos nas águas do rio diariamente, com o tempo e a recorrência dessas ações, a poluição do rio elevou ao nível de interferir na saúde da população e nas próximas gerações, pois as crianças começavam a nascer deformadas, a deformidade era contínua mesmo após o nascimento. A perspectiva narrada traz uma reflexão sobre o que poderá acontecer àquela comunidade, se cada vez mais o problema do rio for negligenciado, um dia não haverá mais seres humanos.

De acordo com Simoni (2021. p. 73), “no que se refere à dimensão coletiva da extinção da espécie humana pelo esgotamento de recursos naturais, tampouco se sabe o momento pontual do derradeiro suspiro do último ser humano sobre a Terra”. Embora não haja uma data determinada para o fim, sabe-se que os seres humanos estão sendo cada vez mais afetados com os desastres naturais que estão cada vez mais recorrentes. Simoni (2021, p. 73) ainda afirma que essas tragédias “afetam a vida humana de forma desigual: enquanto uns têm sua sobrevivência diretamente comprometida, outros apenas interrompe momentaneamente a regularidade de suas vidas cotidianas, como meros espectadores dos noticiários de TV”. Isso é visível no conto ao olhar para a realidade dos moradores da Vila Moreno e a negligência dos outros em relação à comunidade.

No trecho a seguir é notório como a sujeira das águas afetou e continuava a afetar as pessoas que residiam às margens do Riachuelo:

> Marina tentou não pensar em como a garota mexia os dedos manchados pelo cachimbo tóxico; cruzava-os como se não tivessem articulações, como se fossem extraordinariamente moles. Seria ela uma das meninas disformes, defeituosas de nascença por culpa da água contaminada? Não era tão nova. A deformidade vinha ocorrendo desde quando, então? Tudo era possível (Enriquez, 2017, p. 158).

Nota-se que esse rio é importante para a narrativa, haja vista, como ele influencia as pessoas que vivem nas proximidades e seus comportamentos. Para além disso, ele afeta os indivíduos em todas as esferas das suas vidas, pois além de tornarem seres mutantes, viver próximo a um lugar tão poluído afeta o olfato das pessoas ao inalar o odor proveniente dos dejetos daquelas águas escuras. A promotora menciona um episódio que seu pai lhe explicava “que aquele cheiro do Riachuelo, denso e podre, que com certo vento e a umidade constante da cidade podia pairar no ar durante dias” (Enriquez, 2017, p. 161). Apenas o fato deles estarem respirando um ar poluído afeta o funcionamento dos pulmões, enfraquece o sistema imunológico, prejudica o metabolismo, bem como interfere nas atividades desenvolvidas pelo cérebro, visto isso, entende-se o porquê das mutações retratadas no conto.

Para além da questão ambiental, a história retratada apresenta outros problemas que afetam a sociedade. Um dos problemas evidenciados é o abuso de autoridade, por parte dos policiais, com jovens moradores de periferia, em sua maioria, negros. Podemos observar a seguir que era comum os policiais tirar a vida de jovens que viviam na comunidade e negar tal crime:

> Quantas vezes um policial negava, na cara dela e diante de todas as evidências, que tinha assassinado um adolescente pobre? Porque era isso o que faziam os policiais do sul, muito mais do que proteger as pessoas: matar adolescentes, às vezes por brutalidade, outras porque os garotos se negavam a "trabalhar" para eles — roubar para eles ou vender a droga que a polícia confiscava. Ou por traí-los. Havia muitos motivos, todos ruins, para matar adolescentes pobres (Enriquez, 2017, p. 152-153).

As investigações da promotora responsável pelo caso dos dois jovens apontam não para um acidente como alegavam os policiais suspeitos, mas para um homicídio, a Marina Pinat acreditava que as vítimas haviam sido jogadas ao rio, uma das evidências era um áudio vazado que dizia "assunto resolvido, aprenderam a nadar" (Enriquez, 2017, 153), a gravação era do mesmo dia e horário que o crime acontecera. A perspectiva que o policial interrogado tinha dos moradores da vila é a pior possível, em seu depoimento ele afirma: "tomara que toda aquela favela pegue fogo. Ou que se afoguem todos. Vocês não fazem ideia do que acontece ali dentro. Não fazem ideia" (Enriquez, 2017,155). A fala do policial reflete a visão que alguns indivíduos têm dos lugares periféricos das cidades, o primeiro pensamento é destruir tudo e todos, em vez de buscar soluções para os problemas que estão em evidência.

A partir do exposto, é válido ressaltar que a narrativa do esgotamento refere-se não apenas a obras que narram questões que abrangem o meio ambiente, mas também questões sociais, retratando nas narrativas a perspectiva das minorias, a qual por muito tempo na história não era exposta, pois os enredos apresentavam uma visão do homem branco, que possuía poder aquisitivo, enquanto as classes minoritárias não tinham lugar de protagonismo nas histórias.

O texto de Mariana Enriquez aborda não apenas uma, mas várias minorias. Ela constrói uma narrativa, de modo a ressaltar o problema de classes consideradas inferiores por causa do seu poder aquisitivo, de sua cor de pele e da sua religião. Na obra, a autora mostra uma realidade que por muito tempo foi totalmente oculta e esquecida por aqueles que podiam fazer algo a respeito. A Marina retrata a vida de pessoas que por não terem condições suficientes para terem uma moradia digna, se sujeitam a morar em lugares que a maioria dos indivíduos nem sequer tem coragem de passar perto, como é o caso da Vila Moreno; a vida de jovens que entram no mundo das drogas e da criminalidade para conseguirem comprar um tênis que passa na TV; pessoas que seguem religiões de matriz africana e são discriminadas por isso.

A partir do contexto exposto, compreende-se que *Sob a água negra* é uma narrativa do esgotamento, tendo em vista que essas narrativas, segundo Simoni (2021):

> se configuram como uma tomada de posição performativa situada a partir das assimetrias implicadas pelo próprio lugar de enunciação. A ênfase sobre este ponto de partida indica impulsos criativos de resistência originados da constatação da chegada da escassez. Em "narrativas do esgotamento", a preposição "de", contraída com o artigo definido masculino "o", em vez de funcionar como partícula apassivadora de esgotamento, opera como indicadora do lugar, da perspectiva, enquanto ponto de largada. Isso significa que essas práticas artísticas e literárias específicas, muito mais do que narrar o esgotamento, performativamente o subvertem por meio da inscrição de perspectivas encarnadas a partir de baixo (Simoni, 2021, p. 69-70).

Dessa forma, compreende-se que as narrativas de esgotamento apresentam perspectivas pouco narradas na história das criações artísticas. O protagonismo não pertence às classes mais valorizadas, esse papel é desempenhado por minorias, seja o homem preto, a mulher preta etc. Essas minorias deixam de ser representadas pelo ponto de vista do homem branco e passam a ganhar o seu lugar de fala com obras que retratam a realidade a partir das suas próprias perspectivas. No conto, o ambiente representado é o da Favela e das pessoas que moram nela, o papel de homem branco é representado por polícias que se vendem à corrupção. Com isso, percebe-se que a história além de retratar o esgotamento também transgride as ideias impostas sobre as consideradas "minorias", mas sabe-se que em termos de quantidade são maioria.

As narrativas do esgotamento estão associadas à finitude iminente dos recursos naturais. Então é possível perceber nos textos ideias de ausência, carência, morte e extinção alimentando impulsos vitais, de criação. "A noção de esgotamento evoca um processo com uma duração no tempo e, portanto, uma presença latente que se faz cada vez mais tangível em sua iminência" (Simoni, 2021, p. 72). Isso é perceptível no desenrolar da narrativa, pois é evidente a carência dos moradores da Vila do Moreno, principalmente no que refere-se à assistência básica.

A respeito da religiosidade presente no conto, a maioria dos "habitantes da favela eram devotos de cultos afrobrasileiros ou tinham suas próprias devoções, santos pessoais, São Jorge ou Santo Expedito, e erguiam pequenos altares para eles nas esquinas" (Enriquez, 2017, p. 155). Havia um padre, seu Francisco, mas ele não celebrava missas, pois os únicos fieis eram algumas senhoras – essas às vezes pediam-no para que celebrasse a missa –, sua atividade se resumia a cuidar de um refeitório para meninos de família carente. Na visão de Marina, o padre "estava cansado, oprimido por uma obscura desesperança" (Enriquez, 2017,156), quando o encontrou teve certeza, pois viu o padre:

> exausto e sujo, com a barba crescida demais e o cabelo tão engordurado que parecia molhado, porém o mais impactante era que estava bêbado e o cheiro de álcool lhe saía pelos poros; quando entrou na igreja foi como se derramasse uma garrafa de uísque no chão imundo (Enriquez, 2017,1 p. 65-166).

O estado em que a promotora encontrou o padre na antiga Igreja revelava que algo não estava bem, como ela observava, muitas coisas haviam mudado, principalmente a Igreja que agora:

> não era mais uma igreja. Nunca tivera bancos de madeira nem um altar formal, apenas cadeiras e uma mesa de onde o padre Francisco rezava as esporádicas missas. Mas agora estava completamente vazio, com as palavras grafitadas que replicavam as letras do exterior: YAINGNGAHYOGSOTHOTHHEELGEBFAITHRODOG. O crucifixo tinha desaparecido, bem como as imagens do sagrado coração de Jesus e da Virgem de Luján.
> No lugar do altar havia uma estaca, cravada num modesto vaso de metal. E, cravada na estaca, uma cabeça de vaca. O ídolo — porque era isso, Marina logo percebeu — devia ser recente, porque não havia cheiro de carne podre na igreja. A cabeça estava fresca (Enriquez, 2017, p. 165).

Nesse momento da narrativa mais um mistério começara a ser exposto, até então, o leitor pode pensar que o que está sob a água negra é apenas objetos e corpos que foram jogados no decorrer dos anos, mas o padre levanta um ponto de vista: até o momento acreditava que essas ações eram de irresponsabilidade das pessoas, mas agora ele via as pessoas que contaminaram o rio como responsáveis. “Estavam tapando algo, não queriam deixá-lo sair e o cobriram com camadas de óleo e barro! Até encheram o rio de barcos!” (Enriquez, 2017,167). Mas o que de fato estava *Sob a água negra*?

O padre enfatiza que:

> Os policiais começaram a atirar gente na água porque eles, sim, são burros. E a maioria dos que eles jogaram morreu, mas vários o encontraram. Sabe o que vem para cá? A merda das casas, toda a imundície dos esgotos, tudo! Camadas e camadas de sujeira para mantê-lo morto ou adormecido: dá na mesma, acho que o sono e a morte são a mesma coisa. E funcionava, até que começaram a fazer o impensável: nadar embaixo da água negra. E o despertaram. Sabe o que quer dizer “Emanuel”? Quer dizer “Deus está conosco”. De que Deus estamos falando é que é o problema (Enriquez, 2017,167).

No trecho citado o Padre traz algo à tona, a existência de algo além do que era visível pelos moradores, algo que estava oculto e escondido debaixo das águas negras do Riachuelo.

Segundo Jung (2002, p. 122), "nos dramas de mistérios a transcendência da vida é representada, em face de suas formas concretas e constantes de manifestação, geralmente através do destino de morte e renascimento de um deus ou heroi divino". A respeito disso que o padre estava falando, sobre a morte e a ressurreição, sobre o que havia sido jogado morto nas águas negras do rio Riachuelo e havia ressurgido.

A narrativa engloba diversas questões e evoca símbolos para contar a história, a espiritualidade embora pareça distante da comunidade, observa-se que a distância está apenas para a religião padrão que sempre é evidenciada nas tramas. Mas no conto nota-se que o povo continua com sua fé, embora não seja o catolicismo que faz-se presente.

Sobre o encaixamento e redobramento, Pitta afirma:

> é uma maneira de assimilar, 'engolir', o outro para se apropriar de sua essência: nas diversas mitologias, encontram-se peixes grandes que engolem os menores; é também o caso das bonecas russas em que a maior contém as menores; e das cantilenas universais de 'encaixe', como, por exemplo 'a velha a fiar' (2005, p. 30).

No conto a água "engole" tudo que lhe é jogado dentro. Com os corpos jogados no Rio, algo foi despertado, e a partir do desaparecimento do corpo dele Emanuel veio à tona o que estava oculto sobre as águas. O conto aborda os temas de morte e ressurreição, e com o ressurgimento do Emanuel do fundo das águas, o povo começa a adora-lo e sair com ele pelas ruas como uma procissão, ele agora passa a ser "o heroi divino" (Jung, 2002, p. 122) naquela comunidade.

Simoni (2021, p. 77) afirma que "as narrativas do esgotamento no Antro-poceno, em seus projetos de resistência fundados em novos acentos sobre o narrar (Dürbeck, 2018) e sobre perspectivas a partir de baixo, nos lembram permanentemente que o próprio presente está a ponto de esgotar-se". E ao ler *Sob a água negra*, é visível a ideia de esgotamento, bem como traz reflexões a respeito de temáticas como espiritualidade, preconceito, abuso de autoridade, descaso das agências governamentais, drogas e criminalidade. Assim, "mais do que oferecer de maneira indireta fundamentação científica para a notícia do esgotamento dos recursos naturais da Terra, o conceito de Antropoceno desloca o foco para a responsabilidade da espécie humana" (Simoni, 2021, p. 77).

Conclusão

Diante do exposto, compreende-se que a narrativa apresenta uma discussão a respeito das ações humanas com o meio ambiente e como os indivíduos são os responsáveis pela poluição das águas e do ar. Além disso, apresenta uma crítica ao descaso que ocorre na sociedade, principalmente, com as comunidades que são marginalizadas por estarem em regiões periféricas, de modo que esse descaso contribui com aumento da criminalização, bem como com formas precárias de vida.

Foi possível perceber que a autora entrelaçou todas as temáticas quando um acontecimento puxa outro, de modo que torna-se algo cíclico. Haja vista que os dejetos utilizados para esconder o que estava sob a água foi o que o trouxe à tona. O descaso com a comunidade a tornava mais passível de criminalidade. À medida que o ambiente transformava-se, as pessoas também modificaram-se, quanto mais poluição mais intensa as mutações ocorriam nos indivíduos.

Conclui-se que para além dos desastres ambientais, o romance retrata a situação das consideradas minorias da sociedade tanto no aspecto monetário quanto no aspecto da raça e da religião. De modo a tornar o conto uma narrativa de esgotamento, pois esta não se prende apenas aos problemas ambientais.

Referências

DANOWSKI, D; VIVEIROS DE CASTRO, E. *Há mundos por vir?*. Florianópolis: ISA, 2017.

ENRIQUEZ, M. “Sob a água negra”. In: ENRIQUEZ. *As coisas que perdemos no fogo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

JUNG, G. C. *Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo*. Tradução: Dora Mariana R. Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 2002.

SIMONI, M. Esgotamento e Antropoceno. *In*: PENTEADO, M. P.; TORRES, S. (Org.). *Literatura e arte no antropoceno***:** conceitos e representações. Rio de Janeiro: Makunaima, 2021. p. 68-80.